

**DOCUMENTO HISTÓRICO**

# PLACAR

N.º 815 01/JANEIRO/1986 Cr\$ 13 000



## EDIÇÃO DOS CAMPEÕES

A história, a campanha, os artilheiros e as fotos dos 21 campeões estaduais de 1985

**EXTRA** POSTERS, SUPERPOSTERS E POSTERS GIGANTES

ACRE - ALAGOAS - AMAPA - AMAZONAS - BAHIA - CEARA - MARANHÃO - MATO GROSSO - PARA - PARANÁ - PERNAMBUCO - PIACÍ - RIO GRANDE DO NORTE - RONDONIA - RORAIMA E SERGIPE - Cr\$ 17.500 - 0563



SÃO PAULO

CAMPEÃO PAULISTA 1985

# Com raça e emoção

O tricolor de Cilinho, Falcão, Careca, Müller e outros heróis conquista o título com justiça



NICO ESTEVES

**N**em as três expulsões (Márcio Araújo, Careca e Zé Teodoro), nem a contusão de Silas, nem as dores na coxa de Falcão ou a diarreia de Oscar. Nada poderia impedir a festa tricolor. Nem a guerreira equipe da Portuguesa. Estava escrito: na brilhante tarde de 22 de dezembro, início do verão brasileiro, o São Paulo conquistaria seu 14.º título paulista para delírio da esmagadora maioria dos 106 000 torcedores que lotaram o Morumbi.

Um belo gol do ponta Sídney abriu a comemoração. A torcida, porém, ainda tomaria alguns sustos, como no gol de cabeça de Esquerdinha, para a Portuguesa. No segundo tempo, Müller, vice-artilheiro do campeonato, marcaria seu 20.º gol, o da vitória e da consagração de uma grande campanha. “Venceu o São Paulo, para o bem do futebol”, sentenciava Cilinho, um dos heróis tricolores, enquanto os jogadores da-

***Domingo, 22 de dezembro: uma comissão de frente tricolor abre alas para o troféu que vem atrás***

vam a volta olímpica carregando a taça com mais de 1 m e 36 kg, avaliada em 18 milhões de cruzeiros. “O São Paulo jogou o futebol-arte, criativo, com liberdade e emoção”, completava o técnico. Um futebol muito diferente do mostrado na modesta estréia no campeonato, com ▷



NICO ESTEVES

**O exigido Sídney: marcando o primeiro gol contra a Portuguesa, na final**

## SÃO PAULO

um empate de 1 x 1, com o Botafogo, em Ribeirão Preto, no dia 1.º de maio.

Ninguém levava muita fé naquele time: Abelha, Éder Taino, Márcio Araújo, Darío Pereyra e Nelsinho; Vizolli (Rubinho), Pianelli e Pita; Newton, Agnaldo e Sídney. O esboço do time sonhado só iria ganhar um desenho final no decorrer do campeonato, quando o astuto Cilinho poderia, enfim, mostrar um trabalho que já vinha moldando desde 27 de maio de 1984, logo que chegou ao Morumbi.

### MARCAÇÃO CERRADA

Cilinho, que se intitula um educador — e não um simples técnico —, queria reformular sem perder a autoridade. Tolerou a revolta dos insatisfeitos até quando pôde. Ao ponta-direita Geraldo, por exemplo, que não admitia ficar na reserva, o treinador advertiu: “Para você ser titular sem depender de mim, basta comprar uma camisa 7 nova e entrar em campo sozinho”. Geraldo foi ser titular no Joinville e campeão em Santa Catarina.

Aos bem-educados, tudo. O ponta-esquerda Sídney teve de suportar a marcação cerrada do chefe para não tomar o mesmo rumo de Geraldo.

Cilinho cobrava e aperfeiçoava. Nos treinos, o técnico colocava-se na área com três camisas nas mãos —

amarela, vermelha e branca. Ao cruzar, Sídney era obrigado a erguer a cabeça e dizer qual a cor da camisa erguida por Cilinho. “Não sou um simples apitador de treinos”, repete Cilinho. “Sou, antes de tudo, um formador de homens.” Cada jogador teve a oportunidade de ouvir esta advertência em longas conversas pessoais ao longo do campeonato. Principalmente Müller. Ligado à Igreja Protestante Batista por laços familiares, ao mudar-se para a grande cidade Müller não demorou a aderir ao grupo Atletas de Cristo. Mas durou pouco a vida de cristão fervoroso. De volta da União Soviética com o título de bicampeão mundial de juniores, e logo fixado como titular, Müller, 19 anos, resolveu conciliar a fé religiosa com os prazeres de sua idade. Arranjou namorada, aumentou o círculo de amizades e exigiu um bom aumento salarial. Saltou dos 2 milhões de cruzeiros mensais para 5 milhões e ganhou um carro zero a título de luvas.

Nada de mais para quem acabava de tomar a liderança isolada dos artilheiros do campeonato, no começo de outubro, com 13 gols em 18 jogos. Sentido que, nos

jogos seguintes, os gols de Müller começaram a rarear, entretanto, Cilinho se colocou novamente em posição de vigilância. Aumentou a frequência das conversas com Müller, lembrando antigas advertências. “Não se esqueça, garoto: comigo, você é o Müller. Sem mim, você não será ninguém.”

Frases que às vezes soam como febril egocentrismo são ditas por Cilinho com naturalidade, sempre apelando para o senso coletivo. Foi ele, afinal, quem resolvera apostar no futebol de Müller, que mal conseguia ser titular no time júnior do São Paulo. Também bancou uma chance para Silas, parceiro de Müller na Seleção Brasileira de juniores. Saiu ganhando.

### TREINO DE APROXIMAÇÃO

Sem que ninguém percebesse, Cilinho acabou com a concentração — uma medida que, no futebol, ainda representa um exercício democrático. Até o coletivo ele aboliu. “Titulares e reservas, quando se enfrentam, só geram animosidade. Coletivo é um atraso de vida”, prega, colocando no lugar o que chama de “treino de aproximação”. Neste tipo de atividade, em que só metade do campo é usada, são ensaiadas à exaustão situações de jogo.

A criatividade também aparece nos treinos técnicos — cada jogador recebe ao entrar no campo de treino uma bola vermelha de borracha, duas vezes menor que as bolas oficiais. “O controle dessas bolinhas aumenta nossa habilidade”, atesta Silas. Entre os juniores, as bolas de tênis também servem para aguçar o toque de bola.

**Cilinho: mais que um técnico, um educador**



SERGIO BEREZOVSKY

“Habilidade não se compra em farmácia”, prega Cilinho. “Tem de se adquirir treinando.”

Para quem aportou no Morumbi há 19 meses, os resultados não demoraram a surgir. No final de agosto deste ano, Cilinho recebia um bom reforço para a lateral-direita — Zé Teodoro, comprado por 350 milhões de cruzeiros junto ao Goiás. E podia, enfim, escalar o time de seus sonhos — Gilmar, Zé Teodoro, Oscar, Darío Pereyra e Nelsinho; Márcio Araújo, Pita e Silas; Müller, Careca e Sídney. Mas ainda faltava Falcão.

Na noite de 26 de setembro, Falcão teve uma estréia com direito a uma coroa de lanterna, manto de cetim bordô e um centro. O São Paulo ganhou do Internacional de Porto Alegre por 1 x 0, gol contra de Mauro Galvão. Na partida seguinte, para mantê-lo no time, Cilinho se via forçado a sacar um titular — e escolheu Darío Pereyra. Aí começou a crise. Falcão jogou contra a Internacional em Limeira (2 x 2) e na goleada sobre o América (4 x 0) no Morumbi. Na partida seguinte contra a Portuguesa (0 x 1), no Morumbi, experimentaria ser substituído por Pita no intervalo. Dali iria para o banco. “Ele estava há dez meses sem jogar. Não basta para justificar a reserva?”, perguntava-se Cilinho.

### FALCÃO QUASE FORA

Doeu para Falcão, que se sentiu perseguido. “Escolhi o São Paulo porque me prometeram que aqui eu teria tranquilidade para trabalhar. Isto não está acontecendo.” Acabava a paz também dos dirigentes, que viam ameaçado um investimento de 7 bilhões de cruzeiros, do qual não desembolsaram um tostão. Um pool de empresas, administrado pela MPM, agência de publicidade, bancou o negócio.

O impasse só seria resolvido no final do segundo turno, depois de duas reuniões que envolveram o presidente Carlos Miguel Aidar, seu pai Henri — um dos cardeais do clube —, Celso Grellet, o diretor de marketing do clu-



Müller, 19 anos: saindo dos trilhos com a fama e voltando a jogar como um craque

be e da agência MPM, e o procurador do jogador, Cristóvão Colombo. Nessas duas reuniões, Colombo propôs a rescisão do contrato de Falcão. Cilinho participou de pelo menos uma delas. Três dias antes de enfrentar o Guarani no primeiro jogo das semifinais, Cilinho escalara no lugar de Pita, machucado, o centroavante Freitas como titular no treino matinal. À tarde, era

### Falcão: muita confusão e final feliz



SERGIO BEREZOVSKY

Falcão o titular. O enlace entre Falcão e o São Paulo só se daria no empate (1 x 1) em Campinas com o Guarani, justo no dia em que Falcão comemorava seu 100.º dia do clube. No jogo seguinte, no Morumbi, Pita permaneceria fora, para cuidar de uma contusão que o incomodava há muito tempo.

Na manhã do segundo e decisivo jogo contra a Portuguesa, a diretoria chamou Cilinho para oferecer-lhe uma proposta de renovação de contrato por um ano. Assim o São Paulo começava a traçar o percurso rumo ao bicampeonato. “Ficam Cilinho e Falcão”, garantia, aliviado, o diretor Celso Grellet. “E o caso está encerrado.” O personalista Cilinho aceitou renovar e tinha certeza de que o clube lhe era grato por ter conquistado o título. “Nosso trabalho começou do zero”, contava Cilinho, já campeão. “Hoje eu me sinto satisfeito por ter montado um time popular, que consegue lotar um estádio.”

Cilinho refere-se aos robustos índices atingidos pelo São Paulo no campeonat-



NELSON COELHO

## SÃO PAULO

to, em que foi vencedor também em arrecadações. Sem contar a fase final, ganhou a liderança em renda, com mais de 4 bilhões de cruzeiros, e de público pagante — 443 344 pes-

soas assistiram às 38 partidas da fase inicial. Ao final do campeonato, depois dos quatro jogos decisivos, saltou para 8 bilhões de renda e público de 699 375. Tudo isso para ver o tricolor campeão, com um time acima de qualquer suspeita.

Nelson Urt

**A torcida preta-vermelha-branca: campeã em público e arrecadação**

### ARTILHEIRO

#### Careca

Ao terminar o primeiro turno, Careca tinha discretos oito gols na tábua da artilharia do campeonato, abaixo do líder Toninho, da Portuguesa, com nove. No retorno passou a bombardear com mais frequência as metas adversárias e disparou, fechando o campeonato com 23 gols, na frente de seu parceiro Müller, com 20. Paulista de Araraquara, Antônio de Oliveira Filho, 25 anos (1,79 m e 75 kg), foi a revelação do Campeonato Brasileiro de 1978, quando seu



NICO ESTEVES

Guarani ficou com o título. Careca marcou 13 gols, um deles o da vitória de 1 x 0 sobre o Palmeiras, na decisão.

Chegou no São Paulo em fevereiro de 1983, mas de dezembro daquele ano a junho de 1984 ficou parado — quase desenganado como jogador — em razão de uma grave contusão, diagnosticada

pelos médicos como artrite soronegativa. Recuperado enfim este ano, Careca exibiu tudo o que a torcida esperava e deixou uma certeza: a camisa 9 da Seleção Brasileira já tem dono.

### CAMPANHA

O São Paulo jogou 42 vezes. Ganhou 23, empatou 12 e perdeu sete. Marcou 72 gols e sofreu 29 — o melhor ataque e a defesa menos vazada. Todos os seus resultados:

**Portuguesa:** 3 x 0, 0 x 1, 3 x 1 e 2 x 1

**Guarani:** 0 x 1, 2 x 0, 1 x 1 e 3 x 0

**Ferrovária:** 0 x 0 e 4 x 2

**Corinthians:** 1 x 0 e 1 x 1

**Santos:** 1 x 1 e 3 x 0

**Palmeiras:** 3 x 2 e 1 x 2

**América:** 2 x 3 e 4 x 0

**Ponte Preta:** 2 x 1 e 0 x 2

**Internacional:** 3 x 1 e 2 x 2

**XV de Jaú:** 2 x 0 e 3 x 0

**Juventus:** 2 x 0 e 2 x 0

**XV de Piracicaba:** 0 x 1 e 1 x 1

**Santo André:** 0 x 0 e 0 x 0

**Paulista:** 1 x 2 e 2 x 0

**Botafogo:** 1 x 1 e 2 x 0

**São Bento:** 5 x 0 e 1 x 0

**Comercial:** 3 x 0 e 1 x 1

**Noroeste:** 1 x 1 e 2 x 0

**Marília:** 0 x 0 e 2 x 0

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM  
**MICHAEL SERRA**

ARQUIVO HISTÓRICO  
JOÃO FARAH  
**2024**



**ONDE A MOEDA CAI DE PÉ**